

INSTRUMENTOS DE TRABALHO DO SERINGUEIRO: resgate lexical e ensino

WORKING INSTRUMENTS OF RUBBER TAPPERS: lexical rescue and language teaching

INSTRUMENTOS DE TRABAJO DEL BEBEDERO: un rescate léxico y enseñanza

Márcia Verônica Ramos de Macêdo¹
Universidade Federal do Acre

Meyrelele Ramos de Macêdo²
Secretaria Estadual de Educação

RESUMO: O presente artigo resulta do projeto de pós doutoramento, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, cujo objetivo foi arrolar lexias relacionadas à atividade extrativista, visando um resgate cultural dessa atividade tão importante para a Amazônia. Neste artigo são arroladas somente aquelas relacionadas aos instrumentos de trabalho do seringueiro. O referencial teórico está embasado nos estudos da Dialectologia Social, Lexicologia e Lexicografia e tem o método da Geolinguística para a elaboração das cartas lexicais. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a formação histórica do Acre e um levantamento de itens lexicais presentes num *corpus* constituído de 126 horas de gravação, pertencentes ao acervo do Atlas Linguístico do Acre da Universidade Federal do Acre. O resultado culminou com a elaboração de um glossário regional do extrativismo com 32 lexias (simples, compostas e complexas) relativas aos instrumentos de trabalho do seringueiro (balde, cabrita, espingarda, faca, fornalha, lâmina de seringa, mutá, poronga, pé de bode, cabilho, entre outras), além de uma carta linguística.

Palavras-chave: Glossário Regional. Extrativismo. Instrumentos de trabalho.

WORKING INSTRUMENTS OF RUBBER TAPPERS: A Lexical Rescue and Language Teaching

ABSTRACT: This article is the result of a postdoctoral project, with the Graduate Program in Linguistic Studies at the Federal University of Minas Gerais - UFMG, whose objective was to list words related to extractive activities, aiming at a cultural rescue of this important activity to the Amazon. In this article, we present only words related to the rubber tapper's tools. The theoretical framework is based on the studies of Social Dialectology, Lexicology, and Lexicography and has the method of Geolinguistics for the creation of a local linguistic map. We conducted bibliographic research on the historical formation of the Brazilian State of Acre and the collection and organization of lexical items present in a corpus consisting of 126 hours of recordings, belonging to the collection of the Linguistic Atlas of Acre of the Federal University of Acre. The result

¹ Doutora em Letras e Linguística - UFBA. Prof. Associado da Universidade Federal do Acre, Docente do Mestrado Profissional em Letras. Líder do Grupo de Estudos do Léxico e Narrativas da Amazônia legal GELNAL. E-mail: marciavestrela@gmail.com

² Professora da Secretaria de Estado de Educação e Esporte do Acre. Membro do Grupo de pesquisa GELNAL. Ex. bolsista Pibic do Centro de Estudos Dialectológicos do Acre, co-autora de Lendas da Floresta contadas por seringueiros acreanos (2007).

culminated in the creation of a regional glossary of extractivism with 32 words (simple, compound, and complex) related to the rubber tapper's working instruments (balde, cabrita, espingarda, faca, fornalha, lâmina de seringa, mutá, poronga, pé de bode, cabilho, among others), as well as a linguistic map.

Keywords: Regional Glossary. Extractivism. Working instruments.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo *INSTRUMENTO DE TRABALHO DO SERINGUEIRO: um resgate lexical e ensino* faz parte do Glossário da atividade extrativista: instrumentos de trabalho, alimentação, ervas, processo de comercialização e entidades da floresta (lendas), resultado do projeto do Estágio Pós-Doutoral desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos - POSLIN, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, desenvolvido entre março de 2018 a junho de 2019, em Belo Horizonte – MG.

O estudo tem por objetivos: a) arrolar as lexias da atividade extrativista a partir de uma abordagem lexicográfica e dialetológica, considerando fatores linguísticos e extralinguísticos; b) conceituar as lexias como base nos inquéritos levantados; c) elaborar uma carta linguística acerca dos instrumentos de trabalho.

Este estudo é importante, sobretudo, devido ao interesse da autora, desde o ano de 1991, pela investigação lexicográfica e dialetológica, quando atuou como bolsista de aperfeiçoamento científico do CEDAC/CNPq de 1991 a 1992, pela feitura de um Glossário na sua dissertação de Mestrado (2005), e outro na Tese de doutorado (2012), bem como por compreender a validade do trabalho lexicográfico como forma de resguardar formas linguísticas fadadas ao desaparecimento.

O interesse em estudar a variante brasileira da língua portuguesa, sobretudo em sua modalidade falada, é uma preocupação antiga dos dialetólogos entre os quais se destacam Amadeu Amaral, com o *Dialeto Caipira*, publicado em 1920, o qual fez a primeira tentativa de descrever um falar regional.

O estudo do léxico extrativista - uma atividade tradicional muito antiga e muito importante para o Estado do Acre -, sobretudo como meio de sobrevivência para a população da floresta, é uma das suas principais fontes de renda e de sustento de pessoas daquela região. É, ainda, uma fonte rica de saberes populares, seja pelos instrumentos de trabalho do seringueiro, o modo de produção do látex, ou pelas ervas medicinais utilizadas nas curas das doenças, da alimentação e das entidades da floresta, como Mapinguari, Mãe

da Mata e Caipora, entre outras.

Além disso, baseada nos conhecimentos empíricos e passados de geração a geração, essa atividade mantém características específicas no processo produtivo com o látex, com marcas culturais relevantes, mas que precisam ser descritas e registradas em verbetes, uma vez que se observa, há uma alteração tanto no modo de executá-la como a atual forma de manejo da seringueira que produzem a borracha em forma de folha defumada, mais conhecida como FDL (folha de defumação líquida) e FSA (folha semi-artefato). Entende-se, assim, que é necessário preservar o léxico dessa atividade econômica da região para conhecimentos das futuras gerações e da identidade histórica do seringueiro acreano.

Do ponto de vista histórico a economia acreana baseou-se no extrativismo que foi o grande responsável pelo povoamento da região quando da leva de cearenses em busca do “ouro preto” no Estado do Acre. Até 1903, essa região foi disputada pelo Brasil, Bolívia e Peru, quando então o Brasil comprou-a dos bolivianos por dois milhões de libras esterlinas. Daí, o Estado passou a ser território brasileiro, mas só foi elevado à categoria de um estado em 1962. Além disso, parte dele é formada por mata intocável, protegida principalmente pelo estabelecimento de florestas de proteção integral, reservas indígenas e reservas extrativistas.

Atualmente, a madeira é o principal produto de exportação do Estado, mas sua economia, ainda, é baseada no extrativismo, sendo o maior produtor brasileiro de borracha. Assim, propõe-se um estudo dialetal, lexical, lexicográfico sobre a linguagem dos seringueiros de comunidades acreanas em três regiões do Estado, Vales do Acre, Purus e Juruá a fim de identificarmos as possíveis variações linguísticas e as principais características relacionadas à atividade desenvolvida – o extrativismo – a partir de enfoques lexicográficos e pluridimensional, uma vez que enfocará três variáveis: a diatópica, a diagenérica e a diageracional com a finalidade de elaborar um vocabulário regional dos instrumentos de trabalho do extrativismo e elaboração de uma carta léxica.

Afinal, tão importante quanto a coleta dos dados para a análise e posterior fixação das características de um falar, em via de extinção, é a consciência de que só o surgimento dos resultados de outras pesquisas, sérias e imparciais, possibilitam a comparação entre as variantes regionais, para a definição de um dialeto brasileiro.

Desse modo, o estudo visa, ainda, contribuir para a inovação e/ou a conservação da linguagem. Na verdade, cada falante é, a um só tempo, usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara.

E, nessa perspectiva, salienta Câmara Jr. (1977, p. 268 - 269)

A língua é uma parte da cultura, mas uma parte que se destaca do todo e com ele se conjuga dicotomicamente [...], é o resultado dessa cultura, ou, em sùmula, é o meio para ela operar, é a condição para ela subsistir. (CÂMARA JR., 1977, p. 268 - 269).

Depreende-se, assim, que a língua engloba a cultura, comunica-a e transmite-a. Daí se infere que, para o real conhecimento de um grupo humano não basta pesquisar a sua história, seus costumes ou o ambiente no qual vive determinada comunidade. É necessário observar a forma particular de o grupo manifestar a sua linguagem e, assim, representar, por meio dela, a realidade que o circunda.

A presente pesquisa toma como premissa a afirmação de Alvar (1979) que

O estudo de uma língua não se esgota na investigação de seus aspectos estruturais, transcendendo o plano da frase atingindo o universo da língua como instrumento de comunicação que se consubstancia no discurso. (ALVAR, 1979, p.31).

Abordar-se-ão, desse modo, fatores linguísticos como: unidade, diversidade, inovação, conservação, tipos de lexias, classificação morfológica, dicionarização e a etimologia; e extralinguísticos, como variações diatópicas, diagenéricas e diageracionais.

Desse modo, compreende-se que é por meio da *língua* que o ser humano expressa as ideias de sua geração e da comunidade a que pertence, A todo instante a língua é utilizada de acordo com a tradição que lhe foi transmitida e, desse modo, contribui seja para a inovação, a conservação ou variação e/ou mudança da linguagem, uma vez que estuda os falares regionais com suas delimitações geográficas, caracterizadas por diferenças próprias sejam na fonética, no léxico ou na morfossintaxe.

Além disso, se pautará pelo método da Geografia Linguística na elaboração da carta léxica,

método de investigação linguística que consiste em situar sobre o mapa da região estudada cada uma das formas com que se expressa um conceito ou alternância. Para cada noção ou alternância emprega-se um mapa distinto. O conjunto de mapas constitui um Atlas Linguístico (CARRETER, 1974, p. 209).

Enfatiza-se, ainda, que o estudo dos dialetos, no âmbito da diatopia, iniciou-se no século XIX, com investigações *in loco*, desenvolveu-se e continua crescendo até os dias atuais, considerando não só os fatores de espaço geográfico, mas os fatores sociais, o que

abriu uma nova vertente da Dialetologia e de seu método de pesquisa. Trata-se da visão pluridimensional da pesquisa dialetal uma vez que essa área da investigação deixou de configurar-se somente com a variação espacial e incorporou em suas pesquisas outras dimensões da variação linguística, com contribuições das ciências sociais.

A realização da pesquisa baseia-se na demanda por descrição da variante brasileira da língua portuguesa, sobretudo em busca da identificação e do reconhecimento de dialetos do português do Brasil, em especial o falar do seringueiro acreano no sentido de documentar a situação dos dialetos no Brasil, e justifica-se pela necessidade de:

- (i) descrever a realidade do português brasileiro e acreano, em particular;
- (ii) fornecer à comunidade linguística informação com base em dados empíricos e facultar aos docentes de língua portuguesa subsídios para atuação mais adequada e apropriada no ensino da língua vernácula junto às escolas estaduais e municipais;
- (iii) descrever a linguagem de uma atividade tradicional muito antiga e muito importante, sobretudo como meio de sobrevivência para a população de baixa renda, não apenas por ser uma das principais fontes de renda e de sustento, mas também por ser uma fonte rica de saberes populares;
- (iv) por fim, por considerar ser a língua é heterogênea e social, devendo ser sistematizada a partir de estudos de cunho dialetal, sociolinguístico e lexicográfico;
- (v) contribuir com o ensino da língua portuguesa nas escolas, através do estudo do falar acreano e amazônico, em particular.

É nesse sentido que se escreveu esse artigo.

2. LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA, LÉXICO E VOCABULÁRIO

2.1 LEXICOLOGIA

Alguns conceitos precisam ser esclarecidos, tais como:

Lexicologia que tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização gramatical e a estruturação do léxico. Além disso, mantém uma estreita relação com a Semântica, pois, se ocupa do léxico e da palavra, considerando a sua dimensão significativa. Faz também fronteira com a Morfologia, por se ocupar da problemática da formação das palavras; e com a Dialetologia e a Etnolinguística, ao passo que se debruça sobre o estudo da relação entre língua e cultura. (BIDERMAN, 2001a).

A Lexicologia é definida como:

o estudo científico do léxico, isto é, propõe-se a estudar o universo de todas as palavras de uma língua, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança, cabendo-lhe, entre outras tarefas: definir conjuntos e subconjuntos lexicais; examinar as relações do léxico de uma língua como universo natural, social e cultural; conceituar e delimitar a unidade lexical de base - a lexia -, bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações; abordar a palavra como um instrumento de construção e detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de sistemas culturais; analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes. (BARBOSA, 1991 apud ANDRADE, 2001, p.191).

ULLMANN (1987, p. 62)³, reconhece a importância da Lexicologia por considerar imprescindível a existência de um ramo específico, dentro da Linguística, que converta a palavra em objeto de estudo. Para ele, a palavra desempenha um papel de decisivo na estrutura da língua.

Para Câmara Jr. (1999, p. 157)⁴, Lexicologia designa o estudo dos vocábulos, tanto em sua flexão quanto nos processos de derivação e composição.

Segundo o Dicionário Aurélio (2001, p. 424)⁵ a Lexicologia é parte da gramática que se ocupa da etimologia das palavras e das várias acepções delas.

Desse modo, para MACÊDO SOUSA⁶ (2005:35) o trabalho da Lexicologia vai na direção das palavras, que formam um campo linguístico, recobrando um campo conceitual e exprimindo uma visão do mundo cuja reconstituição elas possibilitam.

Para DUBOIS (1993, p. 372) Lexicologia refere-se ao estudo científico do vocabulário.

2.2 LEXICOGRAFIA

Entende-se Lexicografia como a doutrina da realização de dicionários, representando o vocabulário de uma língua natural, um dialeto, uma especialidade. Como técnica ou arte de compor dicionários, enfoca a análise da língua e sua principal ocupação está em compor léxicos e dicionários.

³ LESSA, Luísa Galvão. (1996). *Glossário do Vale do Acre: látex e agricultura de subsistência*. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, UFRJ. In: ULLMANN, Stephen (1987). *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 5 edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

⁴ CÂMARA JR., J. M. (1999). *Dicionário de lingüística e gramática*. 20 ed., Petrópolis, Editora Vozes.

⁵ FERREIRA, Aurélio Buarque (2005). *Novo dicionário eletrônico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

⁶ MACÊDO SOUSA, Márcia Verônica Ramos de. Aspectos Dialectológicos e Lexicográficos do Atlas Etnolingüístico do Acre. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Rondônia. Guajará- Mirim – RO. 2005.

Segundo o Dicionário Aurélio (2005)⁷, Lexicografia “é ciência do lexicógrafo”. Isso significa dizer que a Lexicografia é o estudo metódico das palavras feito em dicionário.

No dizer de Lessa (1996) “a prática lexicográfica é antiga. Os primeiros exemplares eram glossários e nomenclaturas. Após a invenção da imprensa, surgem os dicionários que visam a uma certa exaustividade”, como os que se tem hoje.

Vê-se, na elaboração de uma lista de vocábulos, a partir do uso regional, como se faz neste estudo, que a palavra lexical representa melhor o signo linguístico e, diferentemente da palavra gramatical, ela é semanticamente, independente, da situação e da enunciação. O sentido da palavra lexical está plenamente codificado, e as circunstâncias de seu emprego quase não a modificam, senão para enriquecê-la provisoriamente com uma referência particular.

Compreende-se, pois, que o léxico de uma língua se constitui num acervo de signos linguísticos, por meio do qual o homem não só se comunica, mas também cria e armazena conhecimentos, refletindo o universo cultural de uma sociedade. E os dicionários, glossários e vocabulários regionais são, pois, espelhos onde os membros de uma comunidade se reconhecem como nativos e como participantes de uma cultura. Dessa forma, torna-se imprescindível que o pesquisador e/ou professor tenha consciência da importância do léxico no seu dia-a-dia e dos repertórios que armazenam esse léxico.

2.3 LÉXICO X VOCABULÁRIO

Compreende-se por léxico o conjunto de palavras e expressões pertinentes a um idioma. Potencialmente, todas as línguas de todos os tempos podem candidatar-se a expressar qualquer conteúdo.

Biderman (2001, p. 13) afirma que “o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo”.

A essa respeito, Alves e Barros (2009, p. 16) salientam que

Não há dúvidas de que o caráter dinâmico é uma dos aspectos mais perceptíveis das línguas naturais. Essa dinamicidade encontra no nível lexical um vasto território para alargar as fronteiras do domínio do repertório lexical de muitas sociedades, revelando o modo como os falantes concebem a realidade em que vivem, deixando transparecer, assim, muitas informações sobre sua cultura, suas crenças, hábitos, mudanças sociais, econômicas e culturais.

⁷FERREIRA, op. cit., p. 456.

Desse modo, percebe-se que o léxico se refere aos espaços nos quais os indivíduos e sociedade interagem. A pesquisa linguística do século XX demonstrou que não há diferença qualitativa entre os idiomas do mundo, ou seja, não há idiomas gramaticalmente mais primitivos ou mais desenvolvidos.

Apesar de haver certos conteúdos comuns a todas as culturas, o léxico de uma língua específica expressa uma visão de mundo particular, que de modo algum pode ser considerada sempre universal.

A palavra léxico, segundo J. Dubois (1993)⁸, “designa o conjunto das unidades que formam a língua de uma dada comunidade, de uma atividade humana”. Nesse sentido, pode-se ter o léxico de uma comunidade regional, de um escritor, de um seringueiro.

Ainda na visão de Dubois (1993)⁹, a oposição léxico e vocabulário é feita pela estatística léxica. Depreende-se que o termo léxico é reservado à língua e o termo vocabulário ao discurso. Isso significa dizer, em outras palavras, que léxico é o conjunto teoricamente infinito de todas as palavras já realizadas e potenciais de uma língua. Nesta definição, encaixam-se todas as palavras do português, até mesmo os neologismos. Enquanto o vocabulário é o conjunto de palavras efetivamente realizadas ou empregadas pelo falante.

Mattoso Câmara (1999)¹⁰ entende léxico como

Sinônimo de vocabulário, o conjunto de vocábulos de que dispõe uma língua dada. Em sentido especializado, a parte do vocabulário correspondente às palavras, ou vocábulos providos de semantema, ou vocábulo que é lexema. Neste segundo sentido, o léxico se opõe à gramática, porque é a série dos semantemas da língua, vistos através da sua integração em palavras.

Tomando por base as definições acima, pode-se concluir que o vocabulário de uma pessoa é apenas parte de seu léxico. Desse modo, o vocabulário está para o léxico assim como a fala está para a língua.

2.4 LEXIA E TIPOS DE LEXIAS

Pottier (1974) emprega o termo *lexie* para referir-se a diferentes tipos de palavras e conjunto de palavras. Segundo o autor, uma lexia pode ser:

⁸ DUBOIS, Jean et alii. (1993). *Dicionário de Linguística*. 9. ed. São Paulo: Cultrix.

⁹ Ibid., p. 363.

¹⁰ CÂMARA JR., op. cit., p. 157.

- a) um “lexema”, um morfema lexical, uma palavra com significado próprio;
- b) um “gramema”, morfema gramatical: artigo, pronome, advérbio, preposição;
- c) um “lexema” e um ou mais “gramemas”: *casas, dormiu, bonita, interminavelmente*.

Segundo o autor, as lexias classificam-se em:

- lexias simples: *casa, casas, dormir, dormiu, bonito, bonita*;
- lexias compostas: palavras compostas, como *mestre-de-obras* e palavras derivadas, como *deslizar*;
- lexias complexas (FAULSTICH, 1980, p. 18): “uma sequência em vias de lexicalização, em diversos graus”: *guerra de nervos, conjunto habitacional, luz negra*;
- lexias textuais (FAULSTICH, *ibid.*): “uma lexia complexa que alcança o nível de um enunciado ou de um texto”: [...] provérbios, hinos, adivinhações etc.

Alguns autores brasileiros adotaram o termo lexia e a conceituação de Pottier (por exemplo, Gonçalves 1977, Faulstich 1980, Xatara 1998). Internacionalmente o termo *lexie/lexia* é pouco divulgado sendo preterido pelo termo *lexema*.

2.5 DIALETOLOGIA, GEOLINGÜÍSTICA e CARTA LINGÜÍSTICA

A Dialectologia tem como objeto de estudo a língua, ambas e utiliza-se do método da Geografia Linguística, de base eminentemente cartográfica, através do qual se elaboram mapas dialetais, também chamados de cartas linguísticas que, dependendo do objetivo do trabalho, podem ser de caráter lexical, como no caso deste estudo.

Portanto, compreende-se por cartas linguística aquelas que apresentam dados específicos distribuídos de forma a configurar certa continuidade em determinada(s) área(s) da rede de pontos.

Como se constata, o estudo dos dialetos, no âmbito geográfico, iniciou-se no século XIX, com investigações *in loco*, desenvolveu-se e continua crescendo até os dias de hoje, considerando não só os fatores de espaço geográfico, mas os fatores sociais, o que abriu uma nova vertente da Dialectologia e de seu método de pesquisa, a Geografia Linguística. Trata-se da visão pluridimensional da pesquisa dialetal, presente, sobretudo, nos Atlas Linguísticos elaborados e publicados.

Desse modo, a Dialectologia atual oferece uma visão pluridimensional da linguagem convivendo pacificamente com a Dialectologia monodimensional.

Para Cardoso (2006, p. 97):

A dialetologia atual, ao delimitar espaços, do ponto de vista linguístico e, caracterizados e definidos, vem buscando estabelecer relações entre as variáveis diatópicas e as variáveis sociais, sejam elas diageracionais, diagenéricas, diastráticas ou diafásicas, com vistas a entender o processo de variação, tomado na sua plenitude, o que conduz a uma melhor compreensão da realidade e à busca de caminhos de maior embasamento para o aprendizado sistemático da língua.

Ainda de acordo com Cardoso (2006, p. 223) e considerando-se o tratamento das variáveis linguísticas e sociais desde o início da história dos estudos dialetais, “não há nenhuma novidade”, uma vez que os fatos considerados (refere-se aos fatores extralinguísticos) foram percebidos desde os primórdios e os primeiros dialetólogos tiveram sensibilidade para tais aspectos.

Desse modo, é de se notar que as pesquisas geolinguísticas buscam, fundamentalmente, a documentação da variação linguística de uma língua na sua dimensão espacial e sua respectiva catalogação registrada através de mapas linguísticos, bem como têm uma preocupação com a documentação social.

De acordo com Cardoso (2010, p. 88)

Essa Geolinguística pluridimensional, que se consolida no final do século XX, vai ocupar-se do controle sistemático de variáveis sociais, mas terá que administrar, de modo competente, a pluralidade dos dados, sobretudo na cartografia dos resultados obtidos.

Assim, fatores sociais como idade, gênero, escolaridade, profissão são aspectos da variação a serem considerados nos estudos dialetais atuais, sobretudo aqueles que se desenvolvam sob a metodologia geolinguística. Sobre esse ponto de vista, Chambers e Trudgill (1994, p. 81-82 apud CARDOSO, 2006, p. 101) assinalam que:

Ao mesmo tempo em que a dialectologia começava a se deixar influenciar diretamente (ainda que levemente) pela linguística, também começava a se deixar influir indiretamente pelas ciências sociais. Alguns dialectólogos começaram a reconhecer que se havia posto muita ênfase na dimensão espacial da variação linguística, excluindo-se, em consequência, a dimensão social. Gradativamente isto se impôs como um juízo para alguns estudiosos, uma vez que a variação social na língua é tão comum e importante como a variação espacial. Todos os dialetos são tanto espaciais como sociais, uma vez que todos os falantes têm não só um espaço social como uma localização espacial.¹¹

¹¹ “Al mismo tiempo que la dialectología empezaba a dejarse influir directamente (aunque sólo ligeramente) por la lingüística, también empezaba a dejarse influir indirectamente por las ciencias sociales. Algunos dialectólogos empezaron a reconocer que se había puesto mucho énfasis en la dimensión espacial de la variación lingüística, excluyendo la dimensión social en cambio. Gradualmente esto supuso un lastre para algunos estudiosos, ya que la variación social en la lengua es tan común e importante como la variación espacial. Todos los dialectos son tanto

E, na visão da geolinguística pluridimensional contemporânea, soma-se ao parâmetro diatópico, o interesse por outros tipos de variação, além da diatópica, como a variação diagenérica, a diastrática, a diageracional, entre outras. O perfil dos informantes, por sua vez, mudou completamente e passou a contemplar os dois gêneros, diferentes estratos sociais e mais de uma faixa etária, dando vazão ao antigo informante **HARAS** (homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário) definido por Zágari (1998, p. 36) e/ou de **NORMs** (nonmobile, older, rural, males), de acordo com Chambers e Trudgill (1988, p. 33).

Considerando que na década de 1990, quando recolhemos os dados da pesquisa a visão da Dialectologia, ainda era de uma dialectologia monodimensional, sobretudo para uma pesquisa desse cunho, inédita e difícil de realizar nos seringais acreanos, nosso informante pode ser considerado esse homem e mulher HARAS, mas a visão pluridimensional estava na preocupação dos cientistas dialetais da equipe do Centro de Estudos Dialectológicos da UFAC, pois os informantes eram também, homens e mulheres de diferentes faixas etárias, e lugares diferenciados.

3. METODOLOGIA

Como instrumento metodológico para o presente estudo, utilizamos a pesquisa bibliográfica a partir da leitura de textos específicos sobre o assunto, e tomando por base a pesquisa de campo efetuada pelo Centro de Estudos Dialectológicos do Acre, nos idos de 1991 a 2001, sobre a atividade extrativista, na qual resgatamos as 81 horas de audição por ocasião da dissertação da autora, defendida na Universidade Federal de Rondônia em 2005 e mais a releitura de 45 entrevistas publicadas por Lessa (2002) em três livros: *A linguagem falada nos Vales do Acre, Purus e Juruá*, além do livro de Macêdo Sousa e Macêdo (2007), *As lendas da floresta contadas por seringueiros acreanos* os quais serviram de *corpus* para a elaboração do vocabulário dos instrumentos de trabalho do extrativismo e da carta linguística. Após o levantamento das lexias fez-se a análises das mesmas quanto à dicionarização, Variação, Classificação morfológica e Etimologia, as quais foram classificadas em simples, compostas e complexas conforme Pottier (1972).

Em relação à pesquisa linguística, observamos a linguagem nas variáveis:

espaciales como sociales, puesto que todos los hablantes tienen un entorno social igual que una localización espacial”.

a) linguísticas: lexias simples, compostas e complexas, lexias dicionarizadas, léxicas dicionarizadas com outra acepção;

b) extralinguísticas: variação diatópica (espaço), diastrática (sexo), diafásica (faixa-etária).

No tocante à ocupação do Acre pelos cearenses recorremos a textos de História do Acre, como a Tese de Martinello (2018), Documentos oficiais, Leis, Decretos, artigos, jornais antigos que retratam a história do Acre, porém não tivemos tempo suficiente para esgotar o assunto, nos reservando a um breve relato dessa ocupação, enfatizando, sobretudo o estado atual dos nove municípios pesquisados na década de 1990 e o desenvolvimento dele em relação aos cursos de interiorização pela Universidade Federal do Acre, uma vez que daquela época até os dias atuais percebemos que mudou muito tanto no aspecto físico como social daqueles pontos de pesquisas, descritos mais adiante.

O questionário tomou como base o campo semântico **HOMEM**, enfocando: 1. o seringueiro e os utensílios de trabalho. Foram 45 entrevistas catalogadas de informantes nascidos nas respectivas regiões ou nela viverem desde os cinco anos de idade e ter pais acreanos. A seleção considerou a variável gênero (homem e mulher), que exerciam profissões ligadas à atividade extrativista, em três faixas-etárias: 15 – 25 anos, 26 – 35 anos e de 36 anos em diante.

Para a fundamentação teórica utilizamos os referenciais da Lexicografia, Lexicologia, Sociolinguística e Dialectologia. Para a feitura do glossário, utilizamos Ferreira (versão eletrônica), dicionários etimológicos, em especial o de Nascentes (1966) e Cunha (1982). O modelo do verbete é de autoria de Macêdo (2012) e requer: uma palavra entrada (lema), classificação morfológica, conceito do termo (se está ou não dicionarizado e com qual acepção), contexto, ponto de inquérito e iniciais do informante e etimologia. classificadas em simples, compostas e complexas conforme Pottier (1972).

O Método para a elaboração das cartas léxicas foi o da Geografia Linguística com base no modelo do programa computacional do ARC GIS.

Os resultados são apresentados em forma de glossário e de uma carta léxica descritiva.

3.1 REDE DE PONTOS

A rede de pontos do Questionário do Seringueiro Acreano, presente em Lessa (2002) ficou assim distribuída:

- Três áreas de pesquisa: Vale do Acre (VA); Vale do Purus (VP); Vale do Juruá (VJ);
- Nove zonas de pesquisa: Rio Branco (RB), Plácido de Castro (PC), Xapuri (XA); Assis Brasil (AB), Manuel Urbano (MU), Sena Madureira (SM); Cruzeiro do Sul (CS), Tarauacá (TC), Feijó (FJ);
- Dezoito pontos de inquéritos que correspondem, respectivamente, às Zonas de Pesquisa.

3.2 DOS INFORMANTES

Tomou-se, em cada localidade, um homem e uma mulher para cada faixa-etária C (36 a 80 anos), por entender que tais informantes tiveram mais tempo na atividade extrativista, daí maior riqueza de informações. No decorrer do trabalho, sentiu-se a necessidade de ampliação dos *corpora* e catalogaram-se os informantes da faixa A (16 a 25 anos), iniciantes na atividade extrativista, difíceis de encontrar, sobretudo os do sexo feminino; falam pouco, inovam no vocabulário, usam os utensílios mais modernos, como a *lanterna e o candeeiro*, ao invés da *poronga*, sonham em estudar, aprender a ler e deixar aquela vida difícil para trás; os da faixa B (26 a 35 anos) são os mais numerosos e os mais produtivos, dispõem-se a aprender com os mais velhos, conservam parte do vocabulário e mantêm a maioria dos objetos de trabalho.

Assim, as faixas A e B enriqueceram este estudo e possibilitam a análise dos traços de unidade e diversidade, conservação e inovação. Os informantes selecionados foram seringueiros acreanos, analfabetos, que possuíssem o aparelho fonador sem defeitos visíveis, nascidos no Acre, filhos de pais também acreanos e que sobrevivem da atividade extrativista (cortar seringa) desde tenra idade e que tivessem o cultivo da agricultura como uma atividade de subsistência. Deveriam residir, modo geral, no interior da floresta e/ou às margens dos rios, em casebres feitos de paxiúba, cobertos de palha de jarina ou ouricuri. De família numerosa, os filhos são continuadores da atividade extrativista exercida pelo pai. Outro fator considerado importante foi à presença da arcada dentária. Considerou-se suficiente o informante possuir os principais dentes (da frente), uma vez que a ausência destes influenciaria no processo da fonação (articulação dos sons).

3.3 O CORPUS

Para a feitura do glossário foram ouvidos e transcritos dezesseis inquiridos do questionário específico e sessenta e cinco do questionário geral, todos pertencentes ao acervo ALAC/UFAC.

Cada entrevista do questionário específico tem, em média, 2h30min de duração e consta de 1.235 questões que abordam os seguintes campos semânticos: A – Natureza; B – Homem; C - Trabalho. Para o campo semântico: Natureza, há duzentas e oitenta perguntas; no campo semântico, Homem, possui seiscentas e oito perguntas e o campo semântico Trabalho, contém duzentas e noventa e sete perguntas. Ter-se-á, desse modo, cerca de dezesseis horas de gravação, com dezesseis informantes selecionados no campo semântico: trabalho.

Por outro lado, o questionário geral subdivide-se em dez campos semânticos, abordando questões acerca de: 1. O seringueiro e o lugar (onde vive, como vive e sobrevive); 2. O seringueiro e a produção (o trabalho e a produção, os utensílios usados, a colheita do látex, o transporte da borracha, entre outros); 3. O seringueiro e a estrada de seringa (como delimita, como a conserva, partes da estrada); 4. O seringueiro e o patrão (a relação produção, compra e venda de produtos); 5. O seringueiro e a família (o namoro, o casamento, os filhos, a educação, o lazer); 6. O seringueiro e a alimentação (a quantidade, a qualidade, nomes dos alimentos, horários da alimentação); 7. O seringueiro e a plantação (tipos, forma de preparar a terra, como conservar a plantação, o cultivo, a colheita, o armazenamento, as doenças); 8. O seringueiro e a saúde (cuidados e precauções, curas e reza, ervas medicinais usadas, a fé nos espíritos, as entidades da floresta: *Mapinguari*, *Mãe-da-Mata*, *Mãe-da-Seringueira*, *Caboquinho-da-Mata*); 9. O seringueiro e a natureza (chuvas, enchentes, fases da lua, estações do ano); e 10. O seringueiro e a casa (onde vive, tipo de construção, divisão, objetos e utensílios).

Os questionários descritos foram elaborados e testados pela equipe do projeto CEDAC nos anos de 1991 e 1992 e reaplicados entre 1993 a 1998, sempre sob a coordenação e orientação da Professora Doutora Luísa Galvão Lessa, atualmente aposentada, idealizadora e coordenadora do projeto, perfazendo ao todo, aproximadamente, 600 horas de gravação, sendo 150 horas do primeiro momento e 450 horas do segundo.

3.3.1 Delimitação dos campos semânticos

Em função da riqueza de dados, o que tornaria o artigo extenso, optou-se arrolar as lexias dos instrumentos de trabalho e elaborar uma carta do campo semântico Trabalho, no subitem *Processos e Implementos* (Instrumentos de Trabalho) da Atividade Extrativista.

Pelo fato de o questionário semântico-lexical ser direcionado, a pergunta básica foi: - Quais os instrumentos que o senhor (e/ou a senhora) leva quando vai cortar a seringa? Quando o informante não respondia a um dos itens, o documentador direcionava com perguntas do tipo: - E aquele instrumento que coloca na cabeça quando vai cortar a noite, como é que o senhor o chama? (Está se referindo a *poronga*). Outras perguntas são mais diretas. - E o mutá (uma espécie de escada). O (a) senhor (a) conhece, já ouviu falar? Dos sessenta e cinco inquéritos selecionados, quarenta e cinco estão publicados em três volumes disponíveis na biblioteca da UNIR¹² – Campus de Guajará-Mirim, na biblioteca da UFAC e no acervo pessoal da autora.

3.3.2 Registro dos Inquéritos

Parte do banco de dados está sob a responsabilidade da autora na UFAC, armazenado em fitas cassetes e CDs-rom e serviram como objeto deste estudo. Está catalogado com a seguinte metodologia: as duas primeiras letras, todas em maiúsculas, correspondem às zonas da pesquisa; os números identificam os inquéritos, seguido de uma barra oblíqua e os números 1, 2 ou 3 indicam em qual fita cassete foi gravada; a penúltima letra indica a faixa-etária do informante; a última letra a variante de sexo. Por exemplo: PC025/2CM, a Zona de Pesquisa foi Plácido de Castro a entrevista de número vinte e cinco, segunda fita (60 minutos cada), faixa C (sexo masculino).

4 DO GLOSSÁRIO DO EXTRATIVISMO

O verbete do glossário seguiu o modelo de MACÊDO (2012) subdividido no campo lexical *Instrumento de Trabalho*, como se apresenta a seguir:

4.1 MODELO DO VERBETE - o modelo de verbete seguiu a seguinte estrutura: LEMA (palavra entrada ou verbete) em inicial maiúscula, negrito e seguida de ponto.

¹² Os três volumes foram organizados pela professora doutora Luisa Galvão Lessa, idealizadora e coordenadora do CEDAC até julho/2005. São eles: 1. A linguagem falada no Vale do Acre; 2. A linguagem falada no Vale do Purus; 3. A linguagem falada no Vale do Juruá. Constam de entrevistas do questionário geral entre documentador e locutor. Ano da publicação: 2002; ISBN: 85-902549-1-7, Local: Rio de Janeiro.

Classificação morfológica em caixa baixa. Conceito do Houaiss. Variação linguística quando ocorrer, em itálico. Contexto entre aspas. Número do Inquérito, entre parênteses. Etimologia em itálico.

Quando a palavra não estiver dicionarizada coloca-se a abreviatura ND. Caso esteja dicionarizada com outra acepção nos dicionários pesquisados, coloca-se DOA, como no exemplo do oito, substantivo, referindo-se ao caminho em forma de oito na estrada da seringa. Mas, que nos dicionários só encontramos como numeral.

Exemplo: **Seringa**. s.f. Na Amazônia refere-se ao nome da goma-elástica extraída de várias árvores do gênero *Hevea*. Látex que se extrai das seringueiras. Variação: *bola*. “... eu comecei a cortá seringa eu tiNa doze ano...”. (CS084AM). Do grego *syrigks*.

Vejamos as lexias arroladas:

4.2 GLOSSÁRIO DO CAMPO LEXICAL INSTRUMENTOS DE TRABALHO DA ATIVIDADE EXTRATIVISTA

Arrolaram-se 32 lexias na coleta dos dados, entre lexias simples, compostas e complexas. Citam-se:

Balde. s.m. Instrumento utilizado para fazer a coleta do leite da seringa retirada das árvores. “é... aí chega... aí pega o balde [...]” (MU159AM). De origem *desconhecida*.

Bacia. s.f. Recipiente portátil de formato circular, oval, fundo chato e bordas relativamente altas, feito de louça, metal ou plástico, para usos associados à água e outros líquidos. “#L ele leva a bacia [...]” (RB016BF). De origem *Latina*.

Caixa. s.f. Qualquer receptáculo de madeira, papelão ou metal, destinado a transportar objetos. Variação: *Cáxa*. “quando a gente chega em casa bota pa cualhá nuNa cáxa [...]” (MU162AF). De origem *Latina*.

Cáxa. s.m. Instrumento de madeira utilizado para coalhar a borracha recolhida. Variação: *Caixa*. “... põe na cáxa pra cualhá...” (XA013AM)

Cabide. s.m. Objeto de madeira utilizado para pendurar os objetos do trabalho do seringueiro como as tigelas, por exemplo. Variações: *Toco*. *Tocozim*. *Cabilho*. “...dêxa lá no tocozim... o toco se chama cabilho...” (MU159AM). Origem *desconhecida*.

Cabilho. s.m. ND. Variação de cabide. “...dêxa lá no tocozim... o toco se chama cabilho...” (MU159AM).

Cabo de Arame. s.m. Parte ou extremidade por onde se prende, segura ou maneja algo, composto por uma liga de cobre e zinco, a que se podem acrescentar ainda outras metais. “#L tem um saco né... cabo de arame [...]” (AB139BM). De origem *Latina*.

Cabrita. s.f. DOA. “#L tem uma lâmina de seringa... faca de seringa... tem a cabrita [...]” (XA009CM).

Cabrita. s.f. DOA. “...o primêro que eu levo... pa cortá... pa tirá o leite é a faca... a cabrita...” (RB002AM). De origem *Latina*

Capanga. s.f. Pequena bolsa usada nas mãos ou presa à cintura e destinada a carregar objetos menores. “#L eu levarra faca...a espingarda e a capanga de lado... né... [...]” (MU153CM). De origem *Africana*.

Cangalha. s.f. Armação feita de madeira utilizada em cima dos animais para fazer o transporte da seringa, tendo dois lados. *Variação: Cangaia.* “...uma cangaia de pau eles... coloca em cima dos burro...” (AB137CF)

Cabo de Arame. s.m. Parte ou extremidade por onde se prende, segura ou maneja algo, composto por uma liga de cobre e zinco, a que se podem acrescentar ainda outras metais. “tem um saco né... cabo de arame [...]” (AB139BM). De origem *Latina*.

Cavador. s.m. Objeto de madeira onde é jorrado o leite da seringa e aos poucos vai se defumando até formar a bola da seringa. *Variação: Cavadô. Pau.* “... como é o cavador? é um pau... aí... pra defumá... num sabe...” (AB137CF)

Estopa. s.f. A parte mais grosseira do linho, que é separa deste com a ajuda de um sedeiro. “sai pa cortá levarra a estopa [...]” (MU163BM). De origem *Latina*.

Escada. s.f. Série de degraus de materiais diversos, que conduz a lugares altos e baixos. “quano ia ficando alto usava a escada [...]” (SM128BF). De origem *Latina*.

Esmeril. s.m. Pedra utilizada para amolar ou afiar lâminas. “é terçado esmeril... lâmina de seringa que é pa corta...[...]” (AB145AM). De origem *Italiana*.

Espingarda. s.f. Arma de fogo portátil, de cano comprido e com coronha própria para apoiar no ombro. “tem a espingarda pra nós i com ela noise coloca de lado tamém [...]” (RB017CM). Do *francês espringarde*.

Faca. s.f. Instrumento constituído por lâmina cortante presa a um cabo. “nóis levarra faca... [...]” (AB137CF). De origem *desconhecida*.

Faca de Seringa. s.f. Instrumento constituído por lâmina cortante presa a um cabo. *Variação de faca.* “nóis levarra faca...faca di seringa [...]” (AB137CF). De origem *desconhecida*.

Fornalha. s.f. objeto de barro utilizado para defumação. *variação: fornaia de barro.* “...fornaia de barro assim... um coisão assim dessa altura...” (AB137CF). Do latim, *fornacŭla*.

Lâmina. s.f. Peça de metal ou de outra matéria dura, extremamente delgado e chato, destinado a fins e usos diversos. *Variação: Faca de Seringa, Lâmina de seringa.* “lâmina de seringa que é pa cortá... [...]” (AB145AM). De origem *Latina*.

Lâmina de Seringa. s.f. Peça de metal ou de outra matéria dura, extremamente delgado e chato, destinado a fins e usos diversos. *Variação: Faca de Seringa, Lâmina.* “lâmina de seringa que é pa cortá... [...]” (AB145AM). De origem *latina, Lâmina e Seringa de origem grega.*

Lamparina. s.f. Pavio fixo a uma boia constituída por uma rodela de madeira ou cortiça que, sobrenadando em líquido iluminante contido em um pequeno recipiente, serve para iluminar qualquer ambiente. Do espanhol *lamparilla*.

Mutá. s.m. Espécie de escada tosca, terminada em jirau, usada pelos seringueiros, a fim de sangrar as árvores nas partes mais altas, próximos da copa. Do tupi *mytá*.

Poronga. s.f. Uma luminária, uma lamparina que os seringueiros usam na cabeça para percorrer as estradas da seringa na floresta amazônica. *Variação: Lamparina.* “... com uma poronga na cabeça [...]” (AB135CM). De origem *espanhola*.

Panela. s.f. Recipiente quase sempre redondo, largo e de altura variável, dotado de alças ou cabo. “ele leva a bacia... a panela [...]” (RB016BF). De origem *latina*.

Pé de Bode. s.m. ND. “... ah... ah pra colhê ... aí leva o pé de bode pra tirá tigela... né... [...]” (RB017CM). Pé, do *latim* e bode, de origem *desconhecida*.

Saco. s.m. Receptáculo de pano, papel, couro, borracha ou material plástico, aberto apenas por cima. *Variação de saco de seringa.* “... usava balde e o saco [...]” (PC006AF). Do latim *saccus*.

Saco de seringa. s.m. Instrumento utilizado para armazenar o leite da seringa. “...aí a gente vira a boca do saco... aí põe o leite dento...” (RB002AM)

Teçado. s.m. Espada curta e larga, facão grande. *Variação: Teçadim.* “um teçadim de baiNa...[...]” (RB005BM). Originada por um processo de *Derivação sufixal (Terça+ado)*.

Tigela. s.f. Objeto colocado na árvore para escorrer a seringa, geralmente desprovido de asas. *Variação: Torno. Vasilha de colhê* “...é... o leite cai na tigela... escorre...” (XA013AM). Do latim *tegellam*.

Toco. s.m. No corte de qualquer planta, parte que permanece presa ao solo, pau curto, cacete. Variação: tocozim. “... não deixa lá no tocozim... o toco se chama cabilho [...]” (MU159AM). De origem *desconhecida*.

Tocozim. s.m. No corte de qualquer planta, parte que permanece presa ao solo, pau curto, cacete. Variação: *Cabilho*. “... não deixa lá no tocozim... o toco se chama cabilho [...]” (MU159AM). De origem *desconhecida*.

Torno. s.m. Objeto colocado na árvore para escorrer a seringa para o saco. Espécie de tigela. “...as tigela... se chama o torno...” (AB137CF). Do latim *tornum*.

Vasilha de Colher. s.f. ND. “... nós tem a vasilha de colhê o leite...”. Variação: vasilha de colhê. Recipiente que serve para guardar qualquer substância, especialmente líquidos. Do latim *vasilã*.

5. RESULTADOS

Em relação aos tipos de lexias, obtiveram-se o seguinte resultado, conforme quadro 1, abaixo:

Quadro 1 – Tipos de Lexias

TIPOS DE LEXIAS	LEXIAS
SIMPLES	Balde. Bacia. Caixa. Cáxa. Cabide. Cabilho. Cabrita. Cavador. Capanga Cangalha. Estopa Escada. Esmeril. Espingarda Faca. Fornalha Lâmina. Lamparina Mutá Poronga Panela. Terçado. Tigela. Toco. Tocozim. Torno.
COMPOSTAS	NENHUMA
COMPLEXAS	Cabo de Arame. Faca de Seringa Lâmina de Seringa Pé de Bode. Saco de seringa Vasilha de Colher.

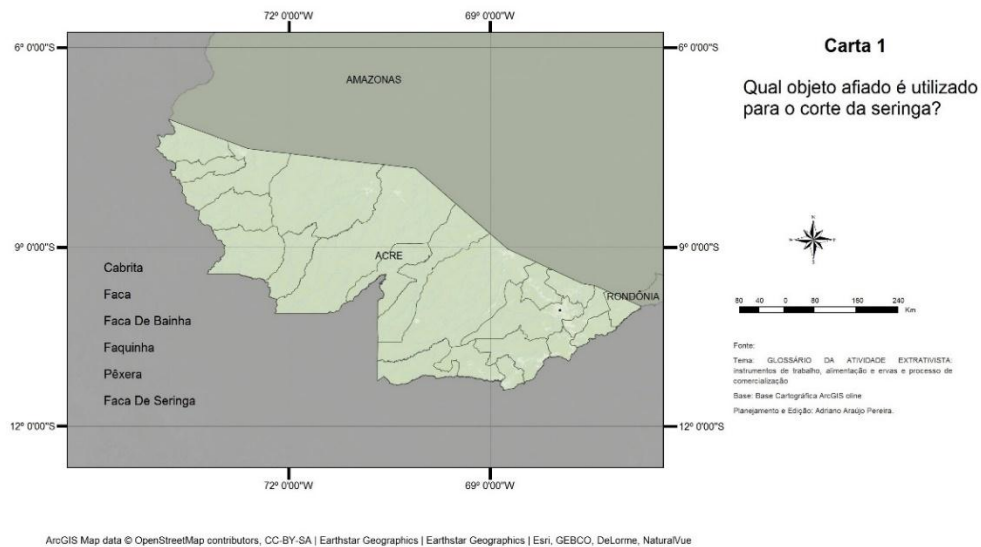
Autora: MACÊDO, 2020.

Considerando a classificação de Pottier (1974), das 32 lexias arroladas acerca dos instrumentos de trabalho do seringueiro acreano, tem-se: 26 lexias simples e 6 lexias complexas e nenhuma composta.

Ainda, tomando por base o corpus, elaborou-se somente uma Carta lexical descritiva sobre o instrumento afiado utilizado no corte da seringueira, para o qual elaborou-se a seguinte questão no inquérito oral: Qual o objeto afiado é utilizado para o corte da seringa?

As respostas foram 6 itens lexicais simples e duas lexias complexas, conforme a carta e comentário a seguir:

A Carta Lexical 1 – Qual objeto afiado é utilizado para o corte de seringa?



Autor: ARAÚJO, 2018, MACÊDO 2020.

Com base na coleta, o objeto afiado utilizado no corte da seringa obteve as seguintes respostas: *cabrita*, *faca*, *faca de bainha*, *faquinha*, *peixeira*, *faca de seringa*.

Observou-se que o termo *faquinha* foi falado pelas mulheres, o que é comum nesse tipo de estudo, o uso do diminutivo pelas mulheres. Além disso, observou-se a variação de *faca* com o mesmo radical em *faca de seringa* e *faca de bainha*, *faquinha* e uma mudança no radical em *cabrita* e *peixeira*.

PALAVRAS FINAIS

Diante das discussões desenvolvidas constatamos a relevância dos estudos dialetais enquanto ferramenta de descrição e mapeamento linguístico, mas também como instrumento teórico-metodológico capaz de permitir o resgate de um léxico, que diacronicamente pode sofrer alterações e perdas, todavia, as ferramentas colocadas pela Dialectologia permitem recuperar esse léxico juntamente com suas especificidades linguísticas e riquezas culturais.

Desse modo, entendemos que o levantamento das lexias referentes aos instrumentos de trabalho utilizados pelo seringueiro durante seu ofício, mais que um

estudo de descrição das especificidades linguísticas em torno desse léxico, fora um trabalho de resgate da cultura seringueira, tão presente no contexto sócio histórico do Estado do Acre.

Como afirmou Nascentes em 1953,

Nosso trabalho não é para a geração atual; daqui a cem anos, os estudiosos encontrarão nele uma fotografia do estado da língua e neste ponto serão mais felizes do que nós, que nada encontramos do falar de 1822. (NASCENTES, 1953, p. 24)

Assim sendo, compreendemos que estudar a língua também pode ser compreendido como uma tarefa de levantamento e resgate da cultura de um povo, pois assim como são variados e dinâmicos os processos de manifestações culturais, também a língua se apresenta de forma variável e dinâmica.

Por fim, compreende-se que o arrolamento de léxicas num processo de inovação da atividade extrativista, visa, sobretudo, resgatar histórias do homem seringueiro e mulher seringueira que cortaram árvores como meio de sustento da família, mas que até hoje não se livrou do sistema de “mais valia”, impostos nos seringais amazônicos. Dessa forma, esperamos, com esse estudo, resgatar ao menos a cultura, a memória discursiva desse povo tão sofrido com as mazelas dos seringais, da exploração desumana, mas que possamos, com orgulho, retratar a história de vida e de trabalho do povo seringueiro que tanto fez pelo estado do Acre, em especial.

E, que dessa forma, possamos ensinar nas nossas salas de aulas acerca da história, do fazer extrativista, dos instrumentos de trabalho do seringueiro e seringueira, em vias de extinção, dada a modernidade, e claro, ao surgimento de novos objetos, como a *lanterna* ao invés da *poronga*, que tanto mal fazia à saúde do seringueiro. Enfim, que mesmo por traz desses instrumentos de trabalho do seringueiro e seringueira acreanos, possamos vislumbrar uma história em cada peça e deixar na memória das futuras gerações e gerações atuais, com orgulho.

Nesse sentido, percebe-se que toda língua, portanto, apresenta variantes mais prestigiadas do que outras. Desse modo, os estudos sociolinguísticos - aliados aos estudos dialetológicos – contribuem com os estudos da linguagem no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção do erro, pois busca através de suas pesquisas de campo, descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e mesmo banir como expressão linguística natural e legítima do falante.

REFERÊNCIAS

- ALVAR, Manuel. Hacia los conceptos de lengua, dialecto y hablas. *Nueva Revista de Filología Hispánica*, México, D.F. & Austin, Texas, v. 15, p. 51-60, jan./jun. 1961.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. São Paulo: O Livro, 1920.
- ANDRADE, Maria Margarida de. Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; INQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2 ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 191-200.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; INQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001a. p. 13-22.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolingüística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. A Geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?. *Revista do GELNE*, Fortaleza, v. 4, n. 1/2, p. 215-223, 2006.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Dialeto e ensino-aprendizagem da língua materna. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. (Orgs.). *Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 97-107.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; FERREIRA, Carlota da Silveira. *O léxico rural: glossário, comentários*. Salvador: EDUFBA, 2000.
- CARDOSO, Suzana. Tinha Nascentes razão? (Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil). *Estudos lingüísticos e literários*, n.5. Salvador, Instituto de Letras/UFBA, p. 47-59. 1986.
- CÔMITÊ NACIONAL. Projeto Atlas Lingüístico do Brasil: Objetivos. Disponível em: <<http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/AlibObjetivos>>.
- COSERIU, Eugênio. Sentido y tareas de la dialectología. *Cadernos de Lingüística*, México, ALFAL, n.8, Instituto de Investigaciones Filológicas. 1982.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- DURANTI, Alessandro. *Antropología lingüística*. Tradução de Pedro Tena. Madrid: Laval S. S., 2000.

- FRANÇA, Júnia L. e VASCONCELLOS, Ana Cristina de V. *Manual para normatização de publicações técnico-científicas*. 9. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva LTDA, 2001.
- MACÊDO, Márcia Verônica Ramos de. *Aspectos Dialectológicos e Lexicográficos do Atlas Etnolingüístico do Acre*. 186 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Rondônia, Guajará- Mirim – RO, 2005.
- MACÊDO, Márcia Verônica Ramos de. *A constituição de subáreas dialetais no falar da Bahia*. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia, Salvador – BA, 2012, 460 f.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 2 ed. Editorial Confluência: Lisboa. 1967.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1966.
- SILVA, Eliane A da (2008) Princípios das demarcações de fronteiras terrestres do Brasil na América do Sul. Criciúma. Revista A MIRA – Agrimensura e Cartografia. 142 (17): 70-2. Jan./Fev.
- SOUSA, Vander Lúcio de. *O caminho do boi. O caminho do homem: o léxico de águas vermelhas - Norte de Minas*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008, 248 f.
- SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL (2008) Processo ACO 415. Seção de Pesquisa de Jurisprudência pela internet. www.stj.gov.br em 06/Mai/2019.
- TOCANTINS, Leandro. *Formação histórica do Acre*. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 1979.
- ULLMANN, Stephen (1987). *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 5ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários: um pequena introdução à lexicografia*. 2 ed. Brasília: Thesaurus, 2005.
- <http://www.filologia.org.br/abf/rabf/7/090.pdf>, acesso em 23 de junho de 2019.
- https://www.amiranet.com.br/files/produtos/sumario_2123.pdf, acesso em 20 de junho de 2019.